



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

CONFORME O DISPOSTO NA FICHA DE INSCRIÇÃO, EXPLÍCITE:

- a) Área de inscrição: Não associado
 - b) Modalidade de pesquisa: **Comunicação Oral**
 - c) Trabalho a ser apresentado de acordo com:
 - Área (escreva a área): **5. Filosofia**
1. Tema/modalidade de pesquisa (escreva qual): **Epistemologia/Bibliográfica**

NORMAS DO DIÁLOGO ARGUMENTATIVO

Rodrigo Freitas Costa Canal

*Faculdade de Filosofia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará
prof.rodrigocanal@gmail.com*

Resumo

Neste trabalho, apresento a teoria filosófica geral de Alvin Goldman sobre o problema da função e da boa argumentação referente aos diálogos argumentativos. Para cumprir esse objetivo, discutiremos 1) o tipo de tese teleológica/funcional defendida pelo epistemólogo, qual seja, a de que seu modelo epistemológico de diálogo argumentativo é projetado para promover/buscar crenças verdadeiras. Em segundo lugar, mostraremos como Goldman justifica esta última ideia com base no estabelecimento e justificação de padrões da boa argumentação que procuram mostrar como a argumentação dialógica deve funcionar para atingir os fins veritativos: no todo, Goldman avança a discussão e justificação de seis critérios da boa argumentação.

Palavras-chave: Normas do diálogo argumentativo. Teoria da argumentação. Lógica informal. Critérios da argumentação dialógica. Alvin I. Goldman.

Abstract

In this paper, I present Alvin Goldman's general philosophical theory on the problem of function and good argumentation regarding argumentative dialogues. To accomplish this objective, we will discuss 1) the type of teleological/functional thesis defended by the epistemologist, namely, that his epistemological model of argumentative dialogue is designed to promote/search for true beliefs. Second, we will show how Goldman justifies this last idea based on the establishment and justification of standards of good argumentation that seek to show how dialogic argumentation should work to achieve veritative ends: on the whole, Goldman advances the discussion and justification of six criteria of good argument.

Keywords: Norms of argumentative dialogue. Argumentation theory. Informal logic. Criteria of dialogical argumentation. Alvin I. Goldman.

INTRODUÇÃO

Nossa argumentação evidenciará as bases epistemológicas que estão assentadas a ideia de boa argumentação segundo a epistemologia social de Alvin Goldman. No geral, a estrutura da teoria



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

deste epistemólogo é a seguinte: 1) defini conceitos básicos argumentativos de sua abordagem epistemológica a argumentação dialógica orientada para a verdade; 2) sustenta um tipo de tese teleológica/funcional veritativa, no sentido de que seu modelo epistemológico de diálogo argumentativo sustenta uma visão sobre como diálogos argumentativos são e devem ser projetados para promover/buscar crenças verdadeiras; e, por fim, 3) Goldman justifica esta última ideia com base em normas que procuram mostrar como a argumentação dialógica deve funcionar para atingir os fins veritativos. Nesse sentido, apresenta seis critérios da boa argumentação como forma de justificação da função veritativa da argumentação dialógica.

Goldman tem contribuído substancialmente propondo um tipo de função/propósito argumentativo projetado pela estrutura de sua epistemologia social veritativa e justificatória, a primeira uma epistemologia orientada pela noção de crenças verdadeiras, e a segunda orientada pela noção de crenças justificadas. Goldman sustenta, portanto, dois tipos distintos de funções que a argumentação deve ter: por um lado, propõem critérios relevantes para orientação epistêmica do argumentador de modo que este possa buscar e justificar teses/hipóteses (crenças justificadas); por outro lado, propõem também critérios veritativos de forma a mostrar como e a razão pela qual certas crenças podem ser verdadeiras. Este trabalho examina sua epistemologia veritativa da argumentação dialógica, e tal denominação se tornará mais plausível na medida em que avançarmos na explicitação e explicação da estrutura teórica desse projeto, bem como o conteúdo do conjunto e tipos de normas epistemológicas que tentam estabelecer certas condições para que um dado exemplar de diálogo argumentativo deve idealmente satisfazer para contar como boa argumentação dialógica.

Com a epistemologia social veritativa da argumentação dialógica, procura mostrar qual é a dimensão social do conhecimento produzido e distribuído pelas práticas sociais argumentativas (ou da argumentação), e como tais práticas promovem, e também como devem promover, valores veritativos, valores sociais de promoção da verdade. No caso em tela, as práticas sociais em questão são as práticas sociais da argumentação dialógica: uma concepção sobre o papel desempenhado por (dois ou mais) oradores (speakers) em discussões.

Goldman tem se dedicado ao estudo da argumentação nos seguintes trabalhos: **Epistemology and Cognition** (1986), **Argumentation and Social Epistemology** (1994), **Argumentation and Interpersonal Justification** (1997), **Knowledge in a social world - Part Two: Generic**



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

Social Practices: Argumentation (1999), **An Epistemological Approach to Argumentation** (2003). Seu projeto em epistemologia social (não individual) da argumentação, e mais especificamente ainda sua concepção veritista da dimensão social do conhecimento promovida por práticas sociais da argumentação monológica e dialógica, só aparecem a partir da década de 90. Goldman entende que em **Epistemology and Cognition** (1986) apenas realizou um esboço de uma conexão entre seu projeto em epistemologia individual/pessoal e social. Goldman desenvolve sua epistemologia social veritista do diálogo argumentativo na parte 2 de seu **Knowledge in a social world** (1999), especificamente o capítulo 5 **Generic Social Practices: Argumentation**. Nesse trabalho é onde o epistemólogo unifica, revisa, e sintetiza alguns de seus ensaios anteriores em epistemologia social transformando-os em partes específicas desse livro, e oferece a sua teoria unificada do conhecimento social de grupos sociais que se engajam em práticas argumentativas. Dessa forma, nossa escolha de discutir o capítulo 5 de **Knowledge in a social world** (1999) se deve por ser o livro onde aparece de forma completa seu projeto mais amplo que chamamos de epistemologia social veritista da argumentação.

2 OS PADRÕES EPISTEMOLÓGICOS VERITATIVOS: AS CONDIÇÕES DA BOA ARGUMENTAÇÃO DIALÓGICA

Primeiro iremos delimitar alguns conceitos basilares desse projeto, fornecendo algumas distinções conceituais que assentam o terreno filosófico da epistemologia social veritista da argumentação dialógica: prática social discursiva argumentativa, argumentação fatural, argumentação prática, afirmações verbais, crenças baseadas em inferências, argumento, argumentação, argumentação monológica e dialógica.

Goldman defende que a noção de **discurso(argumentativo) fatural** não poder ser entendida simplesmente como um conjunto de relatos observacionais, os quais são importantes para se entender a prática social do testemunho e da argumentação em terreno epistemológico. Pelo contrário, seu argumento evidencia que o discurso fatural muitas vezes assume e apresenta-se na forma de **complexos atos de fala**, caso em que tal discurso, de um ponto de vista epistemológico-social, contém também alguns tipos de afirmações fatuais, no qual apresentamos razões ou evidências (premissas) para sustentar algumas outras afirmações



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

fatuais (conclusões), e fazemos isso promovendo valores veritativos, ou seja, buscando alcançar, ou promover, a verdade. É a isso que o autor denomina de **prática social discursiva argumentativa**, e mais especificamente entende a argumentação como uma prática social discursiva promotora de valores veritativos.

Há dois tipos fundamentais de formas de argumentação: **fatual** e **prática**. Nas atividades de **argumentação fatual** apenas são consideradas crenças, em que se poderia responder se devemos ou não acreditar numa dada conclusão fatos que acreditamos ou não sobre o mundo. Já nas atividades de **argumentação prática**, levamos em conta apenas coisas que pretendemos fazer, decisões sobre o que fazer ou a respeito de tomadas de decisões. A discussão da epistemologia social veritista goldmaniana se restringe apenas à argumentação fatual.

Em nossa prática social do discurso fazemos **afirmações verbais**, e muitas vezes estas são articuladas de tal forma que assumem a forma daquilo que podemos denominar de **crenças baseadas em inferências (inference-based beliefs)**. Mas Goldman não caracteriza explicitamente sua ideia de crenças baseadas em inferências e, a nosso ver, parece ser a ideia de que os fundamentos inferenciais da crença também poderiam ser entendidos como crenças que são epistemicamente baseadas em processos de raciocínio: ou seja, como a inferência é um processo de raciocínio, pode-se dizer que, quando formamos uma crença, esta possui um fundamento epistêmico-racional (outras razões que a substanciam) no nosso sistema cognitivo, e, dessa forma, as afirmações verbais que proferimos muitas vezes são sustentadas epistemicamente por outras razões/processos de raciocínio(inferência).

Goldman também faz uma distinção entre **argumento** e **argumentação**. O primeiro é tratado como um conjunto de declarações ou proposições que devem ser esquematizadas de tal modo que uma, e somente uma, seja a conclusão, que é a afirmação fatual a favor da qual se oferece evidências/razões; e o restante, e pelo menos uma, contam como premissas, as proposições (uma ou mais) que contam como as evidências ou razões, as afirmações fatuais que o orador fornece, embora não provando definitivamente, para fundamentar a verdade da conclusão. Dessa concepção de argumento extrai também uma fórmula geral, que resume logicamente a análise, a saber: “(...)‘R₁, ..., R_n, portanto (provavelmente) P.’(...)” (GOLDMAN, 1999, p. 131, **tradução nossa**). Ou seja, um argumento seria um conjunto não vazio, indefinido mas também



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

não infinito, de afirmações fatuais, sendo **p** a proposição, e apenas esta, que é fundamentada por outras afirmações fatuais que são as razões (as premissas, que embora tenha de ter ao menos uma para constituir-se como um elemento do argumento, um orador não se restringe a apresentar apenas uma).

Argumentação é definida em termos de prática ou atividade social na epistemologia social veritista, atividade essa em que um orador apresenta um argumento para um ouvinte ou uma audiência, afirmando e justificando a conclusão por meio de razões ou premissas. É este tipo de prática social que promove valores veritativos, e é a esta que se atribui uma dimensão social-epistêmica.

Goldman distingue também os conceitos de **argumentação monológica** e **dialógica**. A primeira consiste numa forma de argumentação em que há apenas um participante: o orador. Dessa forma, um fragmento de argumentação é monológico 1) se possui apenas um único orador exercendo essa atividade. Tal como a atividade de uma peça teatral com apenas um ator é um **monólogo**, uma atividade argumentativa com apenas um orador consiste apenas em argumentação monológica. Ou seja, a condição necessária para algo ser uma argumentação monológica é ter apenas um único orador.

Por contraste, uma argumentação é um **diálogo**, ou **dialógica**, 1) se há dois ou mais oradores discutindo a veracidade de uma conclusão, e se 2) cada um dos quais estiverem tomando uma posição epistemicamente contrária ao outro. Nesse entendimento, uma forma comum de argumentação dialógica seria o **debate**, no qual além da condição de haver dois ou mais oradores discutindo a verdade de uma conclusão e tomando uma posição epistemicamente contrária ao outro, deve haver uma audiência separada para a qual é direcionada, e que é quem assiste a discussão. Os oradores, na argumentação dialógica, desempenham o mesmo papel, e assim “(...) discutem um com o outro, tomando lados opostos da questão sobre a verdade da conclusão (...)” (GOLDMAN, 1999, p. 132). A função de um dado orador é a de oferecer oposição (crítica) epistêmica com relação à conclusão e às premissas do argumento de outro orador.

Vamos fazer uma reconstrução genérica da estrutura argumentativa ou justificatória da epistemologia social veritista, no sentido de ilustrar como Goldman procura justificar sua tese



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

funcional de que a função e o objetivo padrão da argumentação dialógica é chegar a crenças verdadeiras. Nessa visão, um dado exemplar de diálogo argumentativo é bom (veritativamente benéfico)¹ **se e somente se** satisfizer as seguintes condições:

1. Boa argumentação dialógica deve ser uma forma de refutação epistêmica entre os oradores.
2. Boa argumentação dialógica deve ser baseada em boas refutações, que são fundamentadas em interpretações acuradas do argumento do seu oponente.
3. Boa argumentação dialógica deve satisfazer as condições ideais para as refutações serem eficazes: enfraquecer a força do argumento criticado e ser receptiva pelo público-alvo da discussão.
4. Bons diálogos argumentativos devem incluir retratação epistêmica quando necessário.
5. Mas também bons diálogos argumentativos devem incluir condições para não retratação e para antecipação de críticas, quando o caso.
6. Por fim, boa argumentação dialógica deve incluir o que Goldman denomina de **discurso argumentativo estendido**, satisfazendo certas padrões ideais para um bom diálogo argumentativo estendido.

Como podemos observar, Goldman procura dar uma solução ao problema da função da boa argumentação justificando uma tese funcional com base em critérios que especificam as condições ideais necessárias e suficientes que um dado exemplar de argumentação deve satisfazer para ser bom². A tese funcional de Goldman nesse projeto de epistemologia social é que, se um dado exemplar de diálogo argumentativo consiste em boa argumentação dialógica, produz ou tem como resultado crenças (provavelmente) verdadeiras.

¹ Promove aquisição de verdade/conhecimento ou crenças verdadeiras.

² Ver Lumer (2005a) para um apanhado sistemático de varias propostas que buscam justificar um determinado tipo de tese funcional com base em critérios da boa argumentação. Em Biro (1987), Biro e Siegel (1992), Siegel e Biro (1997), Lumer (1990, 1991), e no trabalho de Goldman de (2003) é defendida a tese de que a função e o propósito da argumentação é o **conhecimento** ou **crença justificada**.



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

Passamos agora a esclarecer como Goldman procura justificar cada um dessas seis normas da boa argumentação.

2.1 PRIMEIRO CRITÉRIO: A ARGUMENTAÇÃO DIALÓGICA COMO REFUTAÇÃO EPISTÊMICA

Na primeira condição Goldman sustenta que o conceito de dialogo argumentativo equivale a refutação baseada em anuladores epistêmicos do argumento (evidencias que invalidam a justificação), a negação da verdade das premissas, e das condições de verdade exibidas na relação entre premissas e conclusão. A nosso ver, o primeiro critério estabelece três (sub)condições que devem ser cumpridas, que é o mesmo que dizer que apresenta três clausulas, que procuram determinar a argumentação dialógica nos padrões da refutação discursiva entre oradores.

Assim, Goldman concede que a noção de **argumentação dialógica** seja semelhante à de **discussão** ou **argumentação crítica**. Isso quer dizer que as normas da argumentação dialógica devem ser estabelecidas em termos de normas do dialogo crítico entre os dois ou mais participantes: em termos de tentativas de refutações, réplicas e tréplicas argumentativas, para se constituírem boas praticas sociais de refutação (**veritistically good rebuttal practices**). É necessário explicar que o filosofo entende que há três formas gerais em que a argumentação dialógica possa ocorrer, e ao fazer essa distinção o filosofo está já evidenciando três propriedades que diálogos argumentativos devem possuir para serem críticos e, por consequência, conduzir a objetivos veritativos.

Primeiro, um dialogo argumentativo é caracterizado pelos oradores apresentarem **anuladores de justificação**, uma vez que os dois participantes usam anuladores epistêmicos, isto é, proposições que anulam a força epistêmica de um dado argumento (suas premissas), por conterem conteúdo evidencial sem margem para dúvida. O argumento é o seguinte.

A segunda forma de argumentação dialógica desvela a propriedade segundo a qual um dialogo é uma tentativa de os oradores **negarem ou refutarem a verdade de alguma das premissas de argumentos**. A terceira e ultima forma de argumentação dialógica é o processo de refutar a força da relação de suporte entre premissas e conclusão.



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

2.2 SEGUNDO CRITÉRIO: BOAS REFUTAÇÕES SÃO BASEADAS EM INTERPRETAÇÃO ACURADA

Os critérios das práticas sociais de refutação dizem respeito não apenas a oposição crítica de um orador que é interpelado por outro orador, mas à própria forma como deve ser feita a crítica/refutação, no sentido de depender da boa interpretação do crítico: entra em jogo o princípio da acurácia ou da caridade interpretativa quando se procurar contestar, criticar ou refutar algo que se considere falso. Dessa forma, qualquer tipo de refutação que um crítico oferecer a um argumento apresentado deve sempre representar adequadamente o argumento criticado, reconstruir a argumentação de seu oponente caridosamente. Nesse sentido, há várias coisas que um crítico deve ter em conta em seus ataques a outros argumentos: não atacar premissas que outro orador não tenha afirmado, não acrescentar premissas no argumento do orador que não tenham sido originalmente colocadas pelo próprio orador, não explicitar premissas inadequadas que talvez completem o argumento, não interpretar de forma jocosa o argumento do orador (não fazer do argumento um espantalho), etc.

2.3 TERCEIRO CRITÉRIO: CONDIÇÕES PARA REFUTAÇÕES EFICAZES

Este critério se concentra na determinação do tipo de críticas ou refutações que oponentes podem oferecer contra o argumento de outros oradores. Diálogos críticos ocorrem em tempo real, diferente da argumentação monológica, e muitas das vezes em que ocorrem pode haver limitação de tempo e espaço, pelo que se deve escolher, entre as muitas possíveis, as melhores refutações ou críticas. Mas há algum critério mais específico para determinar o que conta como boa refutação? Em qual guia podemos nos basear para entender como podemos diferenciar entre as boas e as más refutações? Goldman responde a essas questões por explicitar uma concepção das práticas sociais de refutações eficazes (**rebuttal effectiveness**). Não há uma fórmula para fabricação de refutações, mas qualquer uma que seja epistemicamente eficaz possui duas das seguintes propriedades epistêmicas:

- (i) Deve enfraquecer a força do argumento criticado;
- (ii) Deve ser receptiva pelo público-alvo da discussão. (GOLDMAN, 1999, p.141,

tradução e adaptação nossa).



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

Levando em conta estas duas subcláusulas do critério que se referem ao enfraquecimento da força probatória de um argumento, pode-se, por exemplo, encontrar evidencia mais atual que é apresentada no argumento, ou criticar uma premissa muito fundamental, em relação às premissas restantes, para o ponto defendido pelo argumento, e ainda ter em mente se essa premissa, crucial ao argumento em questão, será receptiva pelo público-alvo da discussão.

Goldman está sustentando apenas que devemos levar em conta a receptividade da audiência, melhor dizendo, que o crítico de um argumento leve em conta a forma como deve proferir seus argumentos negativos para ser receptivo em relação a um dado público, para que se possa aceitar a verdade de sua refutação. Mas que se, depois de ter levado em consideração a receptividade da audiência, e mesmo assim a refutação do crítico ser falsa, tal não faz a refutação-alvo ser aceitável.

2.4 ESTÁGIOS DO DIALOGO ARGUMENTATIVO NA EPISTEMOLOGIA SOCIAL VERITISTA

Na epistemologia social veritista, o dialogo argumentativo possui quatro estágios: **1)** o primeiro sendo aquele em que o proponente da argumentação oferece um argumento (positivo) a favor de uma conclusão; o segundo sendo **2)** aquele em o que crítico responde criticamente ou tenta refutar esse argumento (positivo) inicial do proponente; já o terceiro estagio é visto por Goldman como um segundo estagio alternativo, **2.1)** caracterizado pela participação do oponente(crítico) em que oferece também um argumento (positivo) a favor de sua conclusão, que é a negação/refutação da conclusão original do argumento inicialmente avançado pelo proponente. O ultimo estagio, é aquele em que o orador ou o proponente do argumento (inicialmente avançado) tenta responder às críticas/refutações de seu oponente, visto por Goldman, de forma mais geral, como o modo em que ocorre refutações de múltiplos críticos (**the rebuttals of multiple critics**), ou seja, é o estagio da argumentação dialógica em que ocorre as réplicas/trélicas a vários críticos e críticas.

2.5 Quarto critério: a retratação epistêmica

Goldman defende que, seja qual for o ataque de crítico, e seja qual for a modificação/retratação de orador, é veritativamente vantajoso que o orador se retrate publicamente, seja com relação às afirmações usadas para sustentar a conclusão, seja até mesmo sua conclusão original. Se de



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

fato o argumento original do orador, refutado por um dado crítico com um derrotador epistêmico, qual seria a razão pela qual a retratação ser veritativamente benéfica? Seria benéfica somente ao orador? Ou seria socialmente benéfica a ambos o crítico e o orador? Como questiona Goldman, “(...) Por que ele deveria fazer uma retratação pública? Não se verificam adequadamente os fins veritativos pela mudança silenciosa em sua mente? (...)”(GOLDMAN, 1999, p. 142, **tradução nossa**). No contexto da justificação dessa norma, Goldman está interessado em mostrar como se pode “(...) retratar todas ou algumas de suas afirmações anteriormente endossadas (...)”(GOLDMAN, 1999, p. 142, **tradução nossa**), neste caso do proponente, sendo veritativamente vantajosa não apenas para o próprio proponente, mas também à audiência que assiste ao dialogo argumentativo. Tanto o **orador** agregará valor-V, por deixar de acreditar em falsidades, quanto a audiência separada que assiste ao debate porque o orador auxiliará “(...) o público a fazer revisões em suas próprias crenças na direção da verdade (...)”(GOLDMAN, 1999, p. 143, **tradução nossa**), ou seja, levar em conta a condição da credibilidade da audiência é relevante para se agregar mais valor-V.

2.6 QUINTO CRITÉRIO: CONDIÇÕES PARA NÃO RETRATAÇÃO E PARA ANTECIPAÇÃO DE CRÍTICAS

Agora, no caso da não retratação por parte do proponente, ou seja, quando o proponente da argumentação possui respostas a críticas, o cenário muda, e seria o seguinte. As críticas de do refutador, com base em **derrotadores epistêmicos**, não funcionam contra o argumento original do orador, devido a não alterar o **status** justificatório das crenças do orador sobre o argumento e a sua posição. Isso porque o orador possui réplicas com força probatória suficiente que fundamentam sua posição original. Segundo Goldman, o que deve orientar o orador a responder melhor às críticas são duas condições: ter em conta **i**) a crítica que mais enfraqueceu a força epistêmica de seu argumento e **ii**) qual resposta seria a mais receptiva para a audiência que assiste à discussão. Em outras palavras, a resposta do o orador deve levar em conta a parte das críticas (dos refutadores epistêmicos) **de seu crítico** que tiver mais dissuadido a audiência em acreditar na conclusão original. Isto é, uma resposta que fizesse a audiência novamente a crer na conclusão original do argumento do orador, e que convencesse racionalmente a audiência, fatores esses que “(...) são relevantes para decidir qual refutação escolhida maximizaria o

agregado de valor-V (...)”(GOLDMAN, 1999, p. 143, **tradução nossa**).

Em outras palavras, as respostas do orador a seus críticos devem levar em conta **i**) a seriedade com que foi percebida as críticas pelo público-alvo e **ii**) a receptividade do público-alvo às potenciais respostas disponíveis a S. O cenário anterior sobre o caso da não retratação não se resume apenas a responder a críticas que são previamente apresentadas por oponentes ao argumento original do proponente, ou sejam não esgota a forma como isso deve ser feito, porque é muito frequente que o proponente ele próprio tente antecipar críticas ao seu argumento.

2.7 SEXTO CRITÉRIO: OS PADRÕES IDEAIS DE DIÁLOGOS ARGUMENTATIVOS EXTENDIDOS

O cumprimento do requerimento das antecipações de objeções exigirá do proponente a construção de uma argumentação que o levará para além dos domínios do seu único e singular argumento, e tal desencadeará na construção do que Goldman denomina de **discurso argumentativo estendido (extended argumentative discourse)**, “(...) uma serie de argumentos agrupados (...)” (GOLDMAN, 1999, p. 144, **tradução nossa**). Em áreas do conhecimento onde há muita controvérsia e, portanto, intensas e intermináveis disputas sobre questões, Goldman considera que a prática de discursos argumentativos estendidos são um padrão muito comum, áreas essas em que os estudiosos relatam descobertas e literaturas e que acabam por formar uma base em que é possível “prever” objeções ou críticas. A forma adequada de levantar e lidar com essas objeções é tratá-las como parte da própria defesa da conclusão original e não de modo separado como algo que poderia ser feito subsequentemente após apresentação do argumento a favor da tese original. E tal como qualquer tipo de construção argumentativa dialética, discursos argumentativos estendidos “(...) são auxílios veritativos para uma audiência (...)” (GOLDMAN, 1999, p. 144, **tradução nossa**), no sentido em que podem ajudar a audiência a guiar-se diante do desacordo e das críticas mútuas entre o proponente e seu oponente. Em outras palavras, se há críticas já existentes ou previsíveis relacionadas ao argumento principal e original, o orador deve incorporar e responder a tantas críticas quanto for possível e o quanto melhor em um discurso argumentativo estendido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS



VI Seminário Internacional
de Pesquisa e Estudos Qualitativos
22 a 24 de setembro de 2021

Pesquisa Qualitativa

ÉTICA - LÓGICA
EPISTEMOLOGIA

Foi nossa intenção revelar a epistemologia subjacente ao modelo de diálogo argumentativo presente no projeto veritista de Goldman, e fizemos isso evidenciando de forma direta: a estrutura conceitual da teoria baseada num conjunto ou família de conceitos, bem como os padrões ou critérios que o filósofo estabelece para justificar a sua tese funcional, segundo a qual a boa argumentação dialógica deve ser veritativamente benéfica, ou, dizendo de outro modo, bons diálogos argumentativos possuem objetivos veritativos, de busca e promoção da verdade. Esperamos ter ficado claro que o projeto de Goldman, não apenas o que presentemente descrevemos sobre diálogos argumentativos, é resolver um dos problemas mais filosoficamente relevantes e polêmicos da teoria da argumentação e lógica informal contemporânea: o problema filosófico do **objetivo ou propósito padrão da argumentação**³. Ao mesmo tempo, apresentamos o **modo de justificação** a partir da qual Goldman tenta argumentar a favor de sua tese veritista, estrutura essa baseada no estabelecimento (e justificação) de critérios que qualquer **espécime** de diálogo argumentativo deve possuir para ser bom, ou seja, sustentando uma concepção de boa argumentação, em termos das condições individualmente necessárias e conjuntamente suficientes da boa argumentação dialógica.

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GOLDMAN, A. I. An **Epistemological Approach to Argumentation**. *Informal Logic*. v. 23, n.1, p. 51-63, 2003.

_____. **Argumentation and Interpersonal Justification**. *Argumentation*.v. 11, n. 2, p. 155-164, 1997.

_____. **Knowledge in a Social World**. NY: Oxford University Press, 1999. 422p.

_____. Deductive reasoning. In: GOLDMAN, A. I. **Epistemology and Cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1986, p. 278-304.

_____. **Argumentation and Social Epistemology**. *Journal of Philosophy*. v. 91, n.1, p. 27-49, 1994.

³ Ou seja, metafilosoficamente falando, qualquer tipo de argumentação, e em qualquer modalidade, monológica ou dialógica, tem objetivos/funções veritativos. E todas as **qua espécimes** de argumentos, padronizados nos moldes da estrutura da epistemologia social veritista, e que contam como bons argumentos, possuem objetivos/funções veritativos.